

NOVEMBRO  
DEZEMBRO  
DE 1967

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

Série M

N.º 17

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.<sup>mos</sup> Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

## Psicologia e educação

### AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA». O CASO DA RÚSSIA — III

Estudo psicográfico dos povos eslavos — Lenine e Estaline — A personalidade russa e a «psicologia da imensidade»

### ÁLCOOL E RELIGIÕES

### OS SUICÍDIOS E TENTATIVAS DE SUICÍDIOS NAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES (continuação)

Influência do «meio social» — A influência dos «grupos» sobre a prática de crimes

### AS CONTAMINAÇÕES INFECCIOSAS PROVOCADAS NA NATAÇÃO E NOS BANHOS DAS PRAIAS — II

### O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE — XII

O fatalismo nos seus aspectos, individual e colectivo

### O VALOR DAS FRUTAS NA ALIMENTAÇÃO

### A PERSONALIDADE ACTUAL DOS JOVENS E A SUA LIGAÇÃO COM A FAMÍLIA

---

#### PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA  
Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala

Est.

Tab.

N.º

No caso de uma  
Bronquite acentuada, com tendência  
para se  
**TRANSFORMAR EM BRONCOPNEUMONIA**  
se se actuar prontamente com a

*Penampla*

consegue-se frequentemente dominar a sintomatologia e a bronquite passa a seguir a ter o quadro normal da «bronquite ligeira».

*(Pedir literatura especial ao Laboratório Sanitas)*

UM NOVO FUNGICIDA  
DE ALTA EFICÁCIA

GRISOMICON

antibiótico antifúngico contra os agentes das várias «tinhas» do coiro cabeludo, da barba, unhas e pele glabra.

A posologia e duração do tratamento, muito variável para cada caso, estão particularmente detalhadas em literatura especial, que se enviará aos Srs. Médicos que a requisitem ao Laboratório Sanitas.

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

## Psicologia e educação

### AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA»

#### III

#### O caso da Rússia

Estudámos nos artigos anteriores as razões biológicas e psicológicas que prepararam o mundo socialista na Rússia, principiando pelo estudo do «Universo Soviético», as «Origens antropológicas dos eslavos», a «Diferenciação mongolóide» e «Os meios de russificação da Eurásia e a sua adaptação psicológica».

Vamos continuar este estudo que tem interessado muitos dos nossos leitores.

#### Estudo psicográfico dos povos eslavos — Lenine e Estaline

O estudo caracteriológico feito pelo Prof. Dingemans na Rússia Europeia e Asiática mostrou que existe, no seio dos povos orientais da U. R. S. S. uma grande variedade de temperamentos, ainda mais diversificada do que em alguns países ocidentais constituídos por povos diferentes, dos quais o mais complexo é a Jugoslávia.

Alguns estudiosos compararam as complexidades raciais da grande Rússia à da França, não sem descobrir muitas afinidades dentre elas, sobretudo entre as antigas classes dominantes ou burguesas, que a Revolução eliminou praticamente.

No entanto, excluindo os povos marginais, que dos Bálticos até aos Caucásicos formam grupos caracterizados muito diferentes, existem, apesar de muitas *nuances* (Rússia Branca, Ucrânia, etc.) denominadores



comuns psico-somáticos notáveis. É interessante o conhecimento destes caracteres, para melhor se compreenderem as atitudes naturais dos Eslavos Soviéticos.

Em primeiro lugar, consideremos o «grupo terreno». — A grande massa de aldeões, por vezes de tendências semi-nómadas, fornecem igualmente mão-de-obra disponível para a transformação da criação da grande indústria. Neste sector, podemos distinguir um tipo físico característico do *Eslavo Oriental* (nórdico-largilíneo).

Trata-se de um tipo somatotónico sanguíneo para-amorfo, isto é, com uma forte energia estática, tornada eficaz, graças a uma fraca emotividade e uma grande sincronicidade no campo da consciência que, geralmente, é largo; o reflexo primário condiciona um pensamento sintético global, pouco ligado aos detalhes.

É interessante acentuar o carácter sentimental dos eslavos. Segundo a terminologia moderna, diremos que só muito raramente se trata de «sentimentais» no termo usual, mas principalmente de uma grande afectividade, isto é, de uma grande polaridade «Venusiana», de que a eficiência é aumentada por uma tendência sintónica muito desenvolvida (plasticidade das reacções ao meio ambiente, desejo de viver em harmonia com o seu próximo e, na sua presença, mostrar altruísmo, maior desejo de servir do que de comandar, necessidade de aprovação e de protecção, carácter pedomórfico dos sentimentos já experimentados e adaptação passiva às circunstâncias).

Esta psicografia é muito característica do *tipo viscerotónico*, que procura o bem-estar físico e aprecia os prazeres imediatos, desde que sinta o futuro assegurado. O homem *picnóide* detesta a solidão e tem uma disposição para a vida comunitária, susceptível de lhe trazer a segurança. Gosta que os outros, quer seja Deus, quer seja outro Senhor Nacional, assumam as suas preocupações morais, para não se sentir só e desamparado, perante os riscos de uma ética individual que faça recuar a sua tendência para a introspecção, pois a atitude de introversão é paradoxal no «tipo sanguíneo para-amorfo». Mas estas qualidades psico-analíticas encontram uma tendência natural nas disposições artísticas e musicais.

O Russo, quando quer, é um grande comediante, tanto no teatro, como nas cenas da vida. Sabemos também que a sua plasticidade ou maleabilidade é particularmente favorável à assimilação da expressão verbal, bem como à aprendizagem das línguas estrangeiras, e à habilidade e à faculdade de transformar facilmente a sua personalidade, conforme lhe seja mais útil. Diz-se que o povo russo é um espelho do ambiente do meio que o cerca, transformando-se facilmente, sempre que necessário, pelo menos *aparentemente*.

Este temperamento é característico do «ser socializável». O regime colectivista, forneceu-lhe uma «Mãe-Humanidade» de quem ele espera

os mesmos milagres, as mesmas atenções espirituais, com tanta veneração e abandono, como os seus antepassados aspiravam acreditar na protecção da Mãe de Jesus Cristo, a — Nossa Senhora — que todos veneravam e a quem recorriam e alguns ainda recorrem, nas horas de aflicção.

Em segundo lugar, estudamos o «grupo cerebrotónico».

O tipo psicográfico que acabámos de estudar não corresponde à maioria das pessoas com quem os estrangeiros podem estar, mais frequentemente, em contacto.

A massa dos trabalhadores do campo e das fábricas está com efeito dominada, ao mesmo tempo e em união simbiótica, com uma categoria de temperamentos muito mais complexos, mais de origem citadina e, por consequência, muito mais variados.

Este grupo, mais particularmente responsável da iniciativa activa revolucionária (está mais ligado a eficácia dinâmica, nos meios dos membros do «partido» e de todas as posições dos quadros administrativos ou educativos); é o que se poderia chamar a «cabeça da *alma colectiva soviética*, o motor neurotónico organizador, sobre o qual se apoia a enorme massa amorfa e rotineira do país. É, em virtude deste feliz equilíbrio entre o número dos trabalhadores manuais e o número dos funcionários, que o mundo soviético tem podido, estabelecendo uma nova repartição dos tipos étnicos do país, compensar ao mesmo tempo, a perturbação social que resultou da supressão das antigas classes superiores e a fome que afligiu, a seguir à Revolução, as classes mais miseráveis da população daquele tempo.

Os estudos feitos sobre os «tipos caracteriológicos» de Lenine e de Estaline, mostram as duas variantes que existem frequentemente, sós ou combinadas, nos soviéticos.

A *componente somatotónica*, a que já nos referimos está quase sempre ligada à *cerebrotónica* nos soviéticos; isto significa que a energia activa disponível, ligada a uma grande emotividade, será extremamente dinamogénea.

Assim, *Lenine*, que representava o tipo do «impulsivo extravertido, cerebrotónico comunicativo, com um rendimento praticamente inesgotável, mas de que a primariedade dos reflexos exigia resultados imediatos recorrendo, se fosse necessário, à força da persuasão». Como os *coléricos* (da classificação de Le Senne), aquele tipo humano, ao mesmo tempo da polaridade combativa e sintonia, altruista, ligada a uma grande inteligência, estava destinado a ter um potencial ascendente sobre todas as multidões, às quais, graças a uma grande sincronicidade, ele se adaptava, dia a dia.

Lenine personificava a confiança optimista no absolutismo humanitário da «classe universal, única e privilegiada», de que ele fazia uma propaganda constante. Mas o seu autoritarismo assegurava-lhe uma atitude irredutível perante qualquer concessão, que lhe fosse proposta ou

solicitada, mesmo que tivesse relação com a consciência religiosa íntima.

O seu campo de consciência, muito concêntrico, favorecia a tendência para a repetição múltipla das mesmas expressões verbais, a fim de assegurar a fixidez das suas ideias, qualidade necessária para se ser perseverante na obra a realizar, desarmando, pela técnica de «bater repetidamente» os adversários mais tenazes.

*Estaline*, pelo contrário, representava o tipo, apaixonado, da *subjectividade hipersecundária*. O seu campo de consciência era igualmente limitado; a sua polaridade era combativa; mas tratava-se de um introvertido silencioso, inflexível na recordação dos erros passados e obediado pela ideia do futuro, em particular pelo seu próprio futuro de egocêntrico. Foi este estado de espírito que o conduziu no caminho que traçou, que o levou à eliminação dos seus companheiros e amigos da primeira hora, desde que suspeitasse da mais ligeira infidelidade ou desvio.

Foi o criador desta política de desconfiança, geradora da espionagem, tanto de fora para dentro, como de dentro para fora (exógena ou endógena) que imprimiu, até à sua morte, em 1953, uma feição inquietante ao antigo «universo soviético», com uma austeridade paradoxal, no seio de um povo que é, naturalmente, altruista e afectivo. É a necessidade de amor e de paternalismo que levou sempre aquelas massas pacíficas, a escolherem um Senhor, como Pai e mesmo como Ídolo.

A «componente apaixonada» é o motor indispensável à perseverança da acção, na ideia de progressão, à tenacidade encarniçada na obediência, que exige a mobilização inteira do ser. Sabemos que o «apaixonado» é muitas vezes levado até ao medo paranóico de ser prisioneiro de entraves e pressões, tanto vindas do exterior, como do interior, talvez mesmo de Deus. Mas sabe-se também que, sob o império de uma decepção ou da obtenção de um sucesso, o «apaixonado» é capaz de romper brutalmente e definitivamente, com o objecto da sua paixão, pronto a transferir toda a afectividade para outra personagem.

É o que explica estes abandonos espectaculares que os soviets compreendem e aceitam, de senhores antigamente venerados, que de um momento para o outro, são abandonados e mesmo destruídos, ao mesmo tempo que a massa de trabalhadores, se adapta sem constrangimento ao respeito e mesmo à adoração dos novos Senhores que lhe são indicados.

### **A personalidade russa e a psicologia da «imensidade»**

Os primeiros pioneiros do Extremo-Oriente russificado, levavam muitos meses e, às vezes, um ou dois anos, para atingirem os confins do Império. Muitas vezes desanimados pelas condições de trabalho, ou pelos lotes que lhes tinham sido atribuídos, muitos camponeses, voltaram

para as suas terras de origem. No entanto, mais de metade morriam de doença ou de intempéries, durante a viagem, nos acampamentos provisórios, muito deficientes.

A partir de 1900, o caminho de ferro Transsiberiano reunia Vladivostok às fronteiras ocidentais, em uma dezena de dias; hoje, a aviação atravessa esta quase sexta parte do mundo em um dia.

As planícies intermináveis da Terra Negra, no entanto, dão sempre ao viajante uma impressão de estarem muito longe, em uma imensidade sem fronteiras. É incontestável que, como podemos observar em outros países, tais como a Austrália, a Argentina, e o Midle-West americano, esta «psicologia do espaço» influi consideravelmente sobre a formação das «mentalidades»; existe uma impressão de «insegurança do horizonte», que se experimenta às vezes nas grandes viagens e que é um sentimento oposto ao da «protecção, de intimidade, que oferecem as regiões limitadas por montes e vales como a Georgia e a Crimeia.

Na Rússia, a existência tornou-se ainda mais dura, em virtude dos contrastes dos climas em regiões tão afastadas e tão diversas; verões tórridos ou húmidos, acompanhados muitas vezes destas tempestades de poeiras, favoráveis à propagação das infecções das vias respiratórias, que se tornavam mais epidémicas, pela aglomeração dos habitantes em casas muito pequenas, de madeira; no Inverno, as famílias são obrigadas a ficar durante muitos meses em torno das fogueiras ou fogões fumarentos; os camponeses são muitas vezes vítimas das tempestades de neve, em que, cegos e gelados, chegam a morrer a poucos metros das suas moradas. As curtas estações da Primavera e do Outono são geralmente prejudicadas pela formação de extensas lamas que prejudicam os homens e os animais e que são particularmente favoráveis à formação de doenças.

Estas condições hostis da natureza, que ainda são aumentadas pelos riscos de perdas das colheitas, provocadas pelas intempéries e pelo medo de invasões dos povos vizinhos, leva-os a viverem isolados, apesar do isolamento ser o seu pior inimigo. É por esta razão que o meio ambiente se une ao temperamento natural destes povos, para fortificar o espírito gregário comunitário, que é uma *segurança* que incita ao colectivismo.

Nos países superpovoados, os habitantes procuram separar-se em muitos grupos pequenos, em clubes, grupos com prerrogativas locais, em partidos políticos, etc., para pretenderem escapar à fusão da personalidade de cada um na grande multidão. As nações exageradamente extensas procuram, pelo contrário, pontos psicológicos de reparo, capazes de colocar o cidadão fora do espaço e do tempo. Na Rússia, a religião ortodoxa, junta à veneração que se tinha pelos czares, assumiu antigamente o papel de supra-consciência.

Desde que a comunidade espiritual desapareceu com a Revolução, a coesão nacional, passou a ser assegurada não só graças à enorme força sugestiva da nova ideologia, mas também à revolução semelhante à que

se deu nas repúblicas Sul-Americanas, na Índia, na China, etc., para quem os Estados Unidos eram um exemplo, depois da era do caminho de ferro; depois de 1900, sobretudo, os caminhos de ferro e a telegrafia, tiveram um considerável efeito psicológico nos meios dos povos tão dispersos, que passaram a ser unificados com a ideia do progresso e mais tarde envolvidos com os laços materiais que os uniam, sob a influência dos Estados Unidos que para muitos foi uma nova aurora.

Mas, mais do que em qualquer outra região do globo, durante a Primeira Guerra Mundial e depois da Revolução de 1917, o caminho de ferro, ligado ao desenvolvimento da indústria pesada, na Rússia, condicionou a mentalidade e a coesão desta nação renovada.

Durante o período quase anárquico da Revolução da Rússia, conta-se que os comboios levavam muitos meses a regressar das terras longínquas, porque os viajantes iam longe cortar a linha destinada às locomotivas e os desarranjos nas linhas e nos *wagons* levavam algumas vezes, meses a reparar.

A Rússia conheceu assim a tragédia das grandes fomes e tornou-se em muitos pontos o país dos grandes extremos.

No próximo número continuaremos este estudo, ocupando-nos da «Polivalência caracteriológica do povo russo e o fenómeno da *distorsão* ideológica».

#### CURIOSIDADES

**O problema dos remédios estrangeiros** — *O aspecto anti-económico da importação de medicamentos estrangeiros já preocupava os homens de Estado no primeiro século da era de Cristo.*

Transcrevemos do livro do Prof. Doutor Raul de Carvalho, «Os grandes períodos da arte de curar»:

No ano 146 da nossa era, a Grécia e a Macedónia eram províncias romanas e Roma importava tudo, inclusivamente os médicos gregos, na maior parte reduzidos à condição de escravos.

A medicina romana era atrasada, complexa, empírica e mística. — A venda de medicamentos estava já regulamentada e não era livre, para que se protegesse a saúde pública contra os perigos de envenenamento.

Esta necessidade provinha do facto da preparação dos medicamentos ser feita por escravos ou libertos gregos ou judeus, pois se considerava tal arte indigna dos romanos. Outro tanto se dava com a medicina. Ora aqueles preparadores judeus ou gregos, na maioria, não mereciam a confiança dos romanos e daí as leis de *Sylla* e de *Quintiliano* e a *lei Cornelia*, que castigavam todos os fabricantes ilegais, vendedores ou detentores de venenos destinados a curar ou a matar (*mala medicamenta*).

O comércio e o tráfico de drogas e medicamentos estrangeiros era, no entanto, grande em Roma e, tal como hoje, chamou a atenção dos dirigentes da Nação e dos especialistas em finanças e no comércio. — «Plínio, o naturalista», insurge-se contra a entrada de medicamentos estrangeiros (as «especialidades farmacêuticas», de então!) que diz «ser ruínoza para o tesouro romano». Segundo ele, Roma impor-

(Continua na pág. 402)

## ÁLCOOL E RELIGIÕES

Foi este o título de uma comunicação de *Pierre Fouquet* no 27.º Congresso Internacional do Alcool e Alcoolismo, em Setembro de 1964, para mostrar a influência que a religião tem sobre o alcoolismo.

Muitas pessoas, deliberadamente, não consomem bebidas alcoólicas em virtude da sua concepção filosófica, moral e religiosa da existência.

Algumas religiões são um freio ao consumo do álcool. Um facto que sempre impressionou os observadores é que os Judeus, ainda que consumam bebidas alcoolizadas, só raramente são alcoólicos. *Kant* já se referia a esta situação, explicando-a da seguinte forma: — Os judeus, formam grupos minoritários, mais ou menos afastados de uma participação autêntica na vida social e política dos diversos países onde se dispersam; têm como regra defenderem os grupos assim formados de qualquer ataque ou má vontade, desejando não serem notados por qualquer defeito ou vício visível; isso obriga-os a uma vigilância particular da sua colectividade contra os abusos individuais de bebidas alcoólicas.

A filiação religiosa, entre vários factores de civilização tem um papel que pode ser determinante neste sector. Basta lembrar a proibição formulada por Mahomé no século VII; os adeptos da religião muçulmana ficaram assim e ficam ainda hoje em larga medida, preservados contra o alcoolismo e os seus efeitos maléficos.

Para conhecer a existência e o uso das bebidas alcoólicas temos que estudar o seu uso a partir de dez mil anos antes da era cristã.

Os sumos açucarados provenientes de vegetais diversos e deixados ao ar livre, podiam produzir, graças às leveduras, bebidas contendo álcool; a sua fabricação era secreta e difícil. O uso destes líquidos foi a princípio reservado aos ministros de várias práticas de inspiração religiosa, como hoje ainda se procede para o fabrico do yogurte pelos feiticeiros africanos; depois, por «profanação do costume», o seu uso alargou-se para as festas tribais, familiares, ritos de iniciação, cerimónias de casamento, de funerais, etc. Hoje ainda não se considera uma festa que não seja selada pelas saudações com bebidas alcoólicas.

A cerveja já era conhecida há mais de quatro mil anos antes da nossa era, em Babilónia e em Nidaba, onde existia a Deusa da Cerveja. As religiões primitivas indo-europeias praticavam frequentemente a embriaguez sagrada. Os indús e os persas conservaram da época que precedeu a sua separação, costumes e crenças comuns; nesta herança, conservada piedosamente por ambos os povos, a liturgia avéstica atribuía às bebidas sagradas virtudes de cura, de força, de longevidades sobrenaturais, que os hinos védicos celebram também.

Tanto os gregos como os índio-persas conheceram a *embriaguez sagrada* ligada ao «culto de Dionysio». A bebida que provocava esta

embriaguez era o vinho. Cerimónias mais grosseiras e extraordinárias constituíam um dos ritos essenciais que, na origem, se confundiam com as primitivas expressões do teatro grego e correspondiam sempre a preocupações mágico-religiosas.

As orgias dionisiacas eram acompanhadas de tais actos de deboche que o Senado, dois séculos antes de Cristo, teve de intervir para proibir estas práticas, contrárias à moral.

Os Celtas manifestaram desde os primeiros milenários antes da era cristã, uma vitalidade particular. Grande número de documentos mostram que empregavam uma bebida embriagante, provavelmente a cerveja, que era consumida durante as cerimónias religiosas e, no século VI antes de Cristo, S. Columbano encontrou-os a cantar hinos em volta de grandes cubas mágicas em que se fabricava a cerveja.

As bebidas dos antigos Germanos, as libações nos povos Escandinavos e o papel sagrado do hidromel são factos bem averiguados. César, Tácito, grande número de autoridades eclesiásticas e, em particular, Bonifácio, descrevem estas festividades em que as bebidas eram sempre associadas às práticas religiosas.

As numerosas religiões da África Negra, desde os mais antigos tempos e até hoje, mostram-nos o papel místico atribuído ao álcool. Em 1940, um profeta da Libéria instituiu uma liturgia em que a comunhão se fazia com um aperitivo de alta graduação alcoólica (Pernod 45)! Nas cerimónias religiosas que hoje se realizam nos negros da América Central e do Sul (*vodú*) usa-se sempre a aguardente ou o rum, como motivo principal da liturgia.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, há muitas reservas, conselhos, proibições relativas ao uso do vinho e aos perigos que provoca. A abstenção do vinho em alguns momentos da vida cultural foi mesmo objecto de preceitos muito rigorosos. Ao longo da Idade Média, os Bispos redigiram textos violentos em que condenavam as bebidas tradicionais (*Penitencial da Grã-Bretanha 620, Hinemar, 852*).

Desde os primeiros séculos, os *Gnosticos* e mais tarde a *Heresia Catara* tomaram posição violenta contra o álcool. No tempo da Reforma, os Luteranos, sem condenar formalmente, o uso das bebidas alcoólicas, orientaram-se progressivamente (através dos diferentes ramos que saíram deste movimento) para posições em que se aconselhava a sua abstinência.

Este capítulo histórico, mostra com evidência que existiu sempre uma ligação entre a posição do álcool em face das religiões, marcando-se duas correntes, uma que conduzia à sua glorificação e a outra à sua abominação, o que corresponde a duas atitudes místicas fundamentais: — *orgiástica* ou *ascética* <sup>(1)</sup>.

(1) Extraído de um artigo de *Jack Girond*, publicado na *Semaine Medicale*, n.º 2, de 20 Jan. 1966. ...

## OS SUÍCIDIOS E TENTATIVAS DE SUÍCIDIOS NAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

(continuação)

Já nos referimos em vários artigos a este problema que vai aumentando de frequência. No último número voltámos a escrever sobre ele um novo artigo em que nos referimos à situação actual do problema, que tratámos sob o ponto de vista geral, referindo-nos especialmente às percentagens de tentativas de suicídio, por idades e por sexos. Vamos agora completar este estudo, referindo-nos particularmente à *influência do meio social* e à *influência «dos grupos» sobre a prática de crimes*.

### INFLUÊNCIA DO «MEIO SOCIAL»

O meio em que se vive, alegre ou triste, preocupado ou sem preocupações, tem uma grande influência sobre o estado psicológico determinante dos suicídios.

A Suécia é um exemplo demonstrativo; as razões são variadas. A este respeito, transcrevemos um artigo publicado no «Diário de Notícias» de 9 de Abril de 1964, que analisa a situação social da Suécia, em face dos problemas psicológicos que fazem sofrer a sua juventude e ao qual acrescentámos algumas considerações:

«Os suecos desenvolvem esforços desesperados para salvar o invejado nível de vida a que chegaram e que só poderão manter através do aumento volumoso das suas vendas para o exterior. Mas a situação económica actual não se apresenta muito favorável a essas pretensões. Na Suécia, onde os misticadores da moral protestam mais lancinantemente, como que a pedir socorro, existem agora mais de 50 mil desempregados, o maior número desde há vinte anos. E quase todos os dias novas indústrias caem na falência.

Os suecos estavam habituados a uma vida fácil e, por isso, perderam a cabeça e aquela prudência, que era uma manifestação da sua educação. Com a ambição da conquista dos mercados que, como os de Portugal, têm um regime especial interno, começaram a tomar uma atitude anti-portuguesa, que tende claramente a conquistar os nossos mercados das províncias ultramarinas.

À parte a campanha regular de mentiras e provocações da Imprensa — num ciclo de poucos meses Portugal foi mimoseado com um livro (impresso na Hungria) editado pela Federação dos Professores, destinado às escolas, e segundo o qual todos os portugueses são, mais ou menos, da polícia secreta; a aquisição e distribuição pelo Conselho de Estado da Juventude de um filme tendenciosamente falsificado sobre

a nossa mocidade; condenações em conferências africanas promovidas na Suécia, uma das quais conduzida pelo próprio ministro das Comunicações, o jovem ambicioso Olof Palme, apontado como mestre de Eduardo Mondlane; peditórios públicos com vista à «libertação de Moçambique»; calúnias contra o aeroporto do Funchal; tentativas para amedrontar os turistas interessados em visitar o nosso país e em conhecer a verdade; pressões sobre o Governo para exercer represálias no âmbito da E.F.T.A., até à expulsão de Portugal; acusações proferidas em palcos do Estado, etc., etc., porque o fim é a conquista dos nossos mercados ultramarinos, e não quaisquer fins humanitários...

E, ultimamente, o que apenas faltava: uma peça musical dedicada, toda inteirinha, à «tirania portuguesa em África», engendrada por um comunista que nunca pôs os pés em terra africana. Teatro vergonhoso, no qual a bandeira portuguesa aparecia pintada num caixote de lixo e um crucifixo era feito de canos retorcidos. Fiasco artístico e económico em toda a dimensão!

Eis a obra gloriosa desses arrogantes profetas dos sem alma, sem fé e sem amor. Gente presumida, que vomita «slogans» em vez de ideias, para quem a riqueza do espírito e dos sentimentos não vale a do dinheiro. Que procura humilhar, venenosamente, as nações pobres, mas que vive, no entanto, do músculo do emigrante estrangeiro, que lhe faz trabalhar as máquinas e manter as fábricas; que condena os investimentos precisamente nos países menos favorecidos, como Portugal. Mas há vários industriais e financeiros, não políticos, que se interessam muito pela ordem e progresso em que se vive em Portugal continental e ultramarino.

Eis a utilidade orgulhosa duma bizarra seita, que se julga misticamente dotada do monopólio da inteligência e predestinada para salvar a humanidade da ruína. Que se desvaira em esforços para fazer crer aos ingénuos de que sem a sua rica e perfeita Suécia o mundo jamais poderia sobreviver. Que gritam histéricamente possuir o segredo das soluções para todos os problemas do Universo!...

Ora, aquele país que até há pouco tempo era considerado, como um povo calmo, bem educado, está a atravessar uma verdadeira crise, económica e psicológica; assim aquele povo, antigamente tranquilo, tem agora as maiores densidades criminais de todo o mundo! Em 1965, a Polícia registou 393 mil casos de crime, dos quais 285 691 roubos e assaltos. O número de veículos furtados ascendeu a 76 930; de crimes contra a ordem pública a 68 581; de fraudes e falsificações a 33 307; de atentados contra a moral, violência e abuso de crianças a 5360. A camada maior de delinquentes foi de jovens entre os 18 e 20 anos.

É a Suécia também uma das nações com maior percentagem de alcoólicos. No mesmo ano (em 1966 o problema agravou-se), as autoridades verificaram 63 499 casos, dos quais 3042 tiveram de ser internados em hospitais próprios. O número de alcoólicos submetidos a «contrôle»

oficial regular foi de 45 180. A média de idades que acusa maior número de alcoólicos é de 50 a 69 anos entre os homens e de 15 a 17 entre as mulheres. Segundo um médico de Gotemburgo, morre semanalmente na Suécia cerca de uma centena de pessoas devido ao álcool.

O uso cada vez mais intenso de contraceptivos, estimulado pela propaganda oficial (uma em cada dez mulheres toma pílulas para evitar a gravidez), fez da Suécia o país de menor índice de natalidade do Mundo, depois da Hungria, nação flagelada pela guerra. Possui, por isso, a mais baixa percentagem universal de população com menos de 14 anos de idade (logo a seguir à Áustria e à Alemanha de Leste, que perderam muita gente nos conflitos armados a que astuciosamente a Suécia se escapou).

No último ano foram apresentados mais de 7 mil requerimentos de aborto, dos quais se deferiram cerca de 80 por cento. Contudo, está calculada em 20 mil a média anual de abortos ilegais. Houve 18 218 nascimentos ilegítimos, dos quais quase metade de mulheres com idade inferior a 19 anos, tendo ascendido a 101 234 o total de crianças nascidas de mães solteiras, incluindo 9506 sem paternidade definida; 20 505 casais divorciaram-se ou separaram-se, entre eles 5754 com filhos menores de 15 anos.

O consumo de narcóticos na Suécia é também dos mais elevados do Mundo. É ainda a juventude que predomina neste outro alarmante problema social. De acordo com os números oficiais, 50 mil jovens escolares entregam-se ao vício dos estupefacientes, mas a Polícia esclarece que o número é muitíssimo mais alto. Só em Estocolmo foram localizados 600 antros de narcómanos. O Governo acaba de lançar um apelo nacional para deter a progressão do narcotismo nas escolas.

A delinquência juvenil é o resultado de métodos educacionais deficientes, da desintegração precoce da família, do egoísmo e facilidade da vida material, da ausência de uma verdadeira concepção de moral, de um clima profundamente tedioso e do vazio que se apodera do espírito. Um «provo» sueco justifica os seus desmandos com a impossibilidade de o seu bando encontrar algo de útil para fazer!

Por seu lado, os excessos da segurança social, a falta de aspirações e de espírito de sacrifício, o drama da crise de habitação e, também é verdade, o próprio clima meteorológico, frio, escuro, triste, estão na base destes números impressionantes de uma sociedade decadente.

Mas a catástrofe social é decididamente agravada pela Imprensa, que para vender o papel tingido explora sãdicamente os bandos de jovens vadios, sujos e desorientados, classificando-os de «opinião pública» nacional, transformando criminosos em heróis e ídolos. Resultado: uma criança de 12 anos foi presa há pouco tempo quando se preparava para fazer ir pelos ares uma igreja!

*Cada dia uma criança tenta suicidar-se!*: — As estatísticas oficiais revelam ainda que na Suécia cerca de 1500 pessoas se suicidaram em 1965; uma das maiores percentagens mundiais. Há uma média diária de doze tentativas de suicídio, das quais quatro resultam. O suicídio representa 21 por cento das causas de morte entre os homens e 18 por cento entre as mulheres.

Em cada dia que passa, uma criança sueca procura pôr termo à vida. Em quatro anos 1727 adolescentes tentaram o suicídio. O mais novo tinha 10 anos. A média maior era de 12 a 14 anos, 80 por cento de raparigas. Três pequenas de Gotemburgo, entre os 13 e 15 anos, foram há dias encontradas inconscientes depois de terem ingerido uma grande quantidade de gasolina. À Polícia confessaram ter decidido acabar com a vida «por se sentirem extremamente infelizes». 71 por cento das causas de suicídio entre os jovens são de ordem sentimental: fome de amor ou de carinho familiar. Uma de cada três mortes entre os estudantes é voluntária. Nos países excessivamente industrializados, como a Suécia, o suicídio representa uma das dez causas principais de morte.

Ora, nós lastimamos muito as desgraças do povo sueco, que é hoje um povo triste, desanimado, mas não temos qualquer culpa e sentimo-nos ofendidos com a sua atitude. Mas é com satisfação que vemos a corrente dos turistas suecos aumentar em Portugal, onde encontram um clima de paz e tranquilidade e onde muitos declaram que a propaganda dos seus jornais a nosso respeito é inteiramente falsa e que só desejaríamos que a Suécia tivesse o clima de paz e de felicidade deste povo do sul, tão afastado das suas preocupações.

Estas preocupações serviram para explicar a razão da percentagem de suicídios na juventude sueca; as juventudes portuguesas, bem mais felizes, não têm aqueles motivos de preocupações...»

Desde 1964 até hoje os problemas têm-se agravado, quer de natureza económica, como da moral. E é este povo, em decadência que tem o *desplante* de criticar Portugal, que, desde aquela data e muito antes tem mantido um progresso económico em todas as províncias, metropolitanas e ultramarinas e que, sob o ponto de vista da moralidade e dignidade, não tem que estabelecer comparações com qualquer outro povo!

## A INFLUÊNCIA DOS «GRUPOS» SOBRE A PRÁTICA DE CRIMES

Já *Gustave-Le-Bon*, no seu estudo sobre a «psicologia das multidões» chegou à conclusão que os indivíduos recebem um impulso colectivo para praticar desmandos; nos últimos tempos os «Rockers», os «Blusons», os «Provos», etc., obtêm tal comando sugestivo sobre as multidões de simpatizantes, que eles se estão tornando em um perigo para a ordem pública, Este número chegou a tal proporção que na Rússia, oitenta

por cento dos crimes são praticados por grupos; a este respeito transcrevemos o seguinte telegrama da ANI:

*Moscovo, 15* — Na União Soviética colectivizada, o crime também é colectivo — é a conclusão de um relatório publicado no boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Moscovo.

Oitenta por cento dos crimes na Rússia são cometidos por grupos — afirma-se no documento, que considera mínima a relação entre a pobreza e o crime, salientando que são numerosos os crimes cometidos por delinquentes, cujas famílias têm um rendimento acima da média.

Outras conclusões curiosas do relatório:

Noventa e cinco por cento dos delinquentes juvenis têm uma cultura abaixo da média normal, 49 por cento provêm de famílias em que os pais se separaram e vinte e cinco por cento têm pais que abusam das bebidas alcoólicas.

Mais de metade dos crimes — 53,5 por cento — são cometidos por jovens em estado de embriaguez. Além disso, oitenta por cento de todos os actos de violência são cometidos sob a influência do álcool.

A intenção antialcoólica do documento conduz a afirmações como esta:

«A maior parte dos que cometem crimes sem ser sob a influência do álcool fazem-no para roubar «vodka» ou para conseguirem dinheiro para o comprar».

As famílias dissolvidas constituem um grave problema no Bairro de Lenine, onde está instalada a Universidade de Moscovo: a média é de 40 por cento.

Este estudo, realizado justamente nesse bairro, foi confrontado com outros estudos efectuados em vários pontos da União Soviética e divulgado no dia seguinte ao da publicação de uma lei que prevê a hospitalização obrigatória de dois anos ou trabalhos forçados para os alcoólicos.

Os autores, na necessidade de «explicar» este florescimento do crime afirmam que o comunismo não conseguiu evitar o crime por causa dos «vestígios do passado» e acusam também infiltrações de pontos de vista hostis originários do mundo do capitalismo, como responsáveis pela criminologia russa.

Depois de ter desculpado deste modo a ideologia vigente, os autores do relatório admitem que existem dificuldades que continuam a confundir os que lutam contra o crime na União Soviética.

«Pontos de vista egoístas e anti-sociais, hostis à nossa sociedade, entraram na mente dos adolescentes sob a influência de ambientes pouco sãos, tanto no próprio seio das famílias, como na escola, nas fábricas e nas ruas».

## AS CONTAMINAÇÕES INFECCIOSAS PROVOCADAS NA NATAÇÃO E NOS BANHOS DAS PRAIAS

### II

Começámos, no artigo anterior, (n.º 2) pelo estudo destas contaminações, frequentes, resultantes dos banhos nos rios, lagos e praias, baseando-nos nos trabalhos dos *Drs. J. Boyer e H. de Lauture*, publicados na «*Semaine Medicale*», de Paris.

Estudámos os riscos principais, descrevemos os agentes que contaminam as águas e referimo-nos aos meios profiláticos principais. Vamos agora referir-nos aos diversos factores de «auto-depuração» das águas do mar.

### FACTORES FÍSICOS

**Diluição** — O problema da diluição das águas doces lançadas no mar é mais complexo do que em geral se julga.

A água dos rios é uma água corrente, constantemente renovada; é uma água a que se vêm juntar os esgotos; a turbulência do rio exerce logo a sua dispersão.

No caso de os esgotos serem lançados directamente no mar, que é o caso geral das nossas praias, são estas águas dos rios e ribeiros que se juntam às dos esgotos locais, auxiliando a sua conspurcação.

A água do mar é salgada e a sua temperatura é inferior à das águas dos esgotos; além disso, as águas dos esgotos e dos rios, contêm gorduras e outras matérias orgânicas em suspensão. Daqui resulta que a densidade das águas dos esgotos é diferente da da água do mar e que a sua mistura no meio oceânico não é imediata. As águas lançadas por cano submarino, a menos de 10 metros de profundidade, emergem logo para a superfície, afectando a forma de um cone curvado. Esta massa de água doce, sofre a influência das marés; são arrastadas para o largo na vazante, mas reconduzidas para as margens na enchente; é pois necessário que os canos de descarga, as lancem o mais longe possível.

As correntes superficiais recebem estas águas e vão-as levando conforme os seus movimentos; o vento também tem influência na dispersão à superfície e a diluição é facilitada ou dificultada por estes movimentos. Os ventos e as correntes podem provocar consequências desagradáveis, concentrando as águas poluídas em pontos especiais.

**Absorção e sedimentação** — Estas duas operações são consideradas como essenciais na depuração das águas. Os germes absorvidos são mais facilmente arrastados para o fundo, pois acumulam-se no *sedi-*

mento cerca de 18 % de matérias orgânicas; a acção da água do mar pode ser considerada semelhante à da purificação das águas pela passagem de um adsorvente, como o carvão.

*Wood* calcula a percentagem da adsorção em 94 % para as bactérias, das quais os bacilos próprios do intestino são absorvidos pelos *floculatos*, lamas activadas ou precipitados de sulfato de alumínio.

No entanto a adsorção (sobretudo das matérias inertes ou dos virus) não significa a sua morte. A adsorção e a sedimentação são eficazes, mais ou menos, na medida em que as condições locais afastem as águas afluentes das costas e afastem o estabelecimento da sedimentação.

**Luz** — A acção nociva dos raios luminosos e, sobretudo, dos ultra-violetas, sobre os microorganismos patogénicos é bem conhecida, desde há muito tempo.

*Flu* diz que os bacilos tíficos morrem depois de 7 ou 8 horas nas águas expostas ao sol; nas outras resistem muito mais tempo. No entanto, se a luz for dotada de um efeito bactericida (ultra-violetas) ainda é preciso que os raios atinjam os bacilos; ora estes raios não têm acção, a mais de 50 cm na água do mar; além disso, a turvação das águas poluídas diminui esta penetração, que em alguns casos atinge poucos centímetros.

**Temperatura** — No seu conjunto, as águas oceânicas constituem um meio frio, que é pouco favorável ao desenvolvimento das bactérias; no entanto esta temperatura não é bactericida.

## FACTORES QUÍMICOS

**Salinidade** — Pode supor-se que o sal inibe, em geral, o desenvolvimento das bactérias. Assim, os *leptospiros* patogénicos, que sobrevivem 10 dias nos lagos de fraca salinidade (0,040 grs. de cl. de sódio por litro) não sobrevivem mais de 1 dia na água do mar (no mar do Norte a concentração salina é de 1,3 a 1,7 grs. por litro); mas as concentrações em sal não impedem o desenvolvimento de numerosos germes fecais. Os *estafilococcus* têm sido isolados em águas que contêm mais do dobro do cloreto de sódio, do que a água do mar.

Deve pois considerar-se o cloreto de sódio, como tendo um certo efeito bactericida sobre várias espécies, mas não é, na maior parte dos casos, um factor bactericida, para os germes do intestino.

**Oxigénio dissolvido** — A concentração em oxigénio das águas vizinhas da superfície está próxima da saturação; à superfície a concentração é muito elevada e até algumas vezes existe sobresaturação; a concentração vai diminuindo com a profundidade.

A oxigenação do meio favorece a oxidação das matérias orgânicas pelas bactérias saprófitas; assim estas bactérias oxidativas vão-se desen-

volvendo e, por antagonismo bacteriano, atacam a pouco e pouco as bactérias patogénicas nocivas; por fim, o oxigénio prejudica as anaerobias.

No entanto, se estas observações são positivas para um meio, como as lamas activadas, em que as matérias orgânicas e os germens estão concentrados, têm menos interesse para a água do mar, poluída.

**Carências** — Normalmente, as águas do mar são pobres em alimentos nutritivos, há bactérias patogénicas que *morrem de fome* na água do mar. No entanto, alguns cientistas observaram que as concentrações em matérias orgânicas das águas dos portos, das lagunas e proximidades estão fortemente poluídas e com sedimentos, em quantidade suficiente para que as bactérias patogénicas se alimentem e multipliquem, tais como as *salmonelas* e as *coli*.

**Factores biológicos** — Desde há muito tempo que se tem querido atribuir um poder bactericida ou antibiótico à água do mar natural. Ora, muitos investigadores concluíram que a água do mar, acabada de recolher, possui uma actividade *abiótica*, semelhante à das outras águas.

E para explicar esta acção, atribuem-na ao papel dos infusórios, ao antagonismo bacteriano e ao fitoplâncton e aos pequenos *predadores*.

**Fitoplâncton** — Alguns observadores verificaram que nos sítios onde existem algas e fitoplâncton, existem poucas bactérias estranhas; por isso supõem que o fitoplâncton pode ter um papel inibidor para as bactérias; de facto, o plâncton pescado nas águas poluídas está fortemente contaminado.

É impossível negar que as bactérias marinhas ou o fitoplâncton segreguem substâncias antibióticas.

**Protozoários e pequenos «predadores»** — Os protozoários e os metazoários microscópicos ou macroscópicos alimentam-se, entre outros alimentos, de bactérias. Os moluscos, os crustáceos, os cepépedes, os nematoides e os peixes, ingerem grandes quantidades de bactérias, que não só digerem, mas assimilam. Assim a fauna microscópica ou macroscópica tem um papel importante na depuração das águas. No entanto, nem todas as bactérias absorvidas são mortas; as bactérias patogénicas ou os virus podem mesmo, por vezes, encontrar um meio favorável para sobreviverem e se disseminarem.

Finalmente, os mexilhões, nematoides, peixes e crustáceos, parece serem os mais valiosos factores de depuração, mas é preciso prevenir o público, de que é perigoso pescar estes animais nas águas poluídas e, sobretudo, comê-los crus.

**Os virus, cogumelos e leveduras** — Os virus têm grandes problemas para sobreviver na água do mar. O virus da poliomielite vai diminuindo da resistência, de uma maneira lenta e gradual, mas muito mais rápida do que na água doce. Pelo que respeita às leveduras e cogumelos

patogénicos (como a *Candida*, *Torula* e *Rodoforula*) que são organismos geralmente pouco exigentes, encontram-se frequentemente, não só nas águas dos portos, mas também mais ao largo. As micoses da pele e das mucosas, devidas a estes agentes patogénicos, não são raras nos banhistas.

## O CONTÁGIO HUMANO

Os principais elementos do estudo são fornecidos pelos inquéritos efectuados depois do aparecimento de algumas epidemias; a febre tifoide e a hepatite infecciosa, que se apresentam, na maior parte das vezes, sob a forma de pequenas epidemias localizadas, podem ser infecções propagadas pela água do mar nas praias, ou pelo consumo de mariscos.

As investigações feitas na Austrália são menos categóricas; o «Comité Moore», que fez investigações durante 5 anos (1954-59) em quarenta praias, declarou nas suas conclusões que o risco de infecção era pequeno, apesar da presença de *salmonelas* em 50 % das amostras de água recolhidas e de mais de 100 000 coliformes por litro. As pessoas com intestinos são têm menos de 50 % de probabilidades de serem infectadas, do que as outras. As pessoas das cidades que se banham frequentemente e recebem constantemente bactérias patogénicas, vão adquirindo uma certa imunidade, que as protege um pouco durante as epidemias; este facto, que é frequente nas infecções pelas *salmonelas* é mais característico ainda, a respeito dos vírus.

Conclui-se pois, que as populações que vivem junto do mar ou dos rios em que se tomam banhos, estão mais protegidas contra alguns germes patogénicos com os quais estão em contacto permanente, do que as pessoas que vêm do interior para as praias. A diluição das águas no mar é em geral suficiente para as proteger contra o contágio, se elas tiverem boa saúde, especialmente do sistema intestinal; as pessoas que se deslocam para as praias são as mais sujeitas às infecções; devem fazer, para se protegerem, vacinações contra as doenças epidémicas (tifo, poliomielite, etc.) ou usarem frequentemente de preparações de bacilos lácticos, protecção que não é tão efectiva como as vacinações, mas constitui um meio prático e económico de protecção. Como não há vacina contra a hepatite epidémica, a única maneira de se proteger ligeiramente é defender os intestinos por meio das culturas de bacilos lácticos.

**Outras infecções** — As doenças a que acabamos de nos referir são os principais motivos de preocupação dos médicos e higienistas.

Além destas, verifica-se frequentemente nos banhistas uma grande variedade de infecções locais, tais como as conjuntivites, rinites, faringites, otites, e, nos caçadores submarinos, infecções dos brônquios e, raramente, abscessos no pulmão.

## CARACTERÍSTICAS DAS ÁGUAS DAS PRAIAS

As características a que nós vamos referir, não se referem nem às águas dos locais das culturas de mariscos, nem às dos estabelecimentos balneares terapêuticos, que devem apresentar as garantias máximas de salubridade, verificadas pelas autoridades sanitárias.

As normas, baseadas sobre o números dos *bacilos coliformes*, são muito variáveis. Assim, para os países onde se fizeram os estudos, as proporções máximas estabelecidas foram:

Para a Espanha (e provavelmente Portugal): 10 000 coleriformes por litro.

Para os Estados Unidos: 24 000 coleriformes por litro.

Para a Austrália: 5000 coleriformes por litro.

Pelo que respeita aos *b. coli* em França, foi estabelecido que as águas das piscinas não deviam conter mais de 100 por litro.

As águas que obedecem a estas normas, mesmo as que as excedem ligeiramente, não representam geralmente perigo para os banhistas. Infelizmente, na maior parte das vezes, principalmente junto às cidades de muitos habitantes, estes limites são muito excedidos, mesmo para além do dobro.

Como já aqui referimos e como dissemos no artigo anterior, uma das maneiras consiste em não tomar banhos nos rios ou praias situadas próximo do local em que são lançados os esgotos, o que não é fácil nem prático.

A solução mais prática é a de procurar aumentar as defesas do organismo contra as infecções intestinais. Uma dessas maneiras consiste em atacar os bacilos que entram com a água, pela boca e pelo nariz, seguindo para o estômago e intestinos, por meio de culturas de bacilos lácticos, os quais atacam os bacilos patogénicos, contrariando a sua pululação nos intestinos. Este sistema de defesa, que se pode fazer facilmente, com grandes vantagens é seguido há muitos anos, por muitas mães que dão estas culturas aos seus filhos.

---

## CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 390)

tava todos os anos mais de cem milhões de sestércios de drogas vindas do Egipto, do Extremo Oriente das Índias e da China e deplorava as inúmeras falsificações que se verificavam nessas drogas exóticas.

Vê-se pois que já no primeiro século da era de Cristo, a importação de especialidades farmacêuticas estrangeiras era moda no Império Romano e como os dirigentes da Nação se viam obrigados a proteger o tesouro nacional, procurando contrariar essa moda tão prejudicial!

PROBLEMAS DE FILOSOFIA  
 O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA  
 NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA

O FATALISMO NOS SEUS ASPECTOS  
 INDIVIDUAL E COLECTIVO

XII

Continuamos, com este artigo, o estudo da influência dos princípios das religiões cristã e muçulmana sobre a formação dos caracteres dos respectivos crentes. Nos últimos números apresentámos a opinião do sociólogo Ibn Khadoun e estudámos a *Psicopatologia dos Muçulmanos*. Vamos continuar o estudo, com considerações sobre a influência do fatalismo na formação complexa dos caracteres humanos, especialmente dos Árabes.

Fatalismo e Caracteres

A caracteriologia dos Árabes, bem como as suas crenças pré-islâmicas, quer sejam animistas, idolatras ou monoteístas, demonstram que eles foram sempre *fatalistas*, antes da doutrinação de Mahomé.

Pode mesmo afirmar-se que a mentalidade fatalista que caracteriza o Islão não foi devida aos ensinamentos de Mahomé (que, pelo contrário, condicionava a salvação dos homens à sua conversão voluntária) mas principalmente, ao temperamento nato das populações que foram impregnadas, de boa vontade ou à força, com o ideal islâmico.

Este estudo tem muito interesse em Portugal e Espanha particularmente, porque foram os dois países da Europa onde a civilização árabe teve maior influência e deixou vários rastros, como no *fatalismo* que ainda hoje está no fundo do carácter de muitos peninsulares.

*Raymond Charles*, que é um grande espediadista da alma muçulmana afirma «a própria aceitação tranquila das vicissitudes da vida e da própria morte, foi singularmente favorecida pelo teocentrismo, este abandono total do ser humano a Deus, que produz no crente uma serenidade de alma imperturbável, que não é igual à da serenidade cristã, sempre atormentada pela ideia do pecado original». *Raymond Charles* nota igualmente que tanto o Cristão como o Judeu estão votados ao papel de acusados; Deus é o seu Juiz *permanente*, que os está julgando no seio de um mundo infestado de pecados, pensamento sempre interiorizado nestes crentes; daqui resulta uma inquietação mórbida, que se apodera deles, e os levam a interrogar-se, a fazerem «exames de consciência» e a torturarem-se pelos seus pecados reais ou imaginários. E esta obsessão e a

sede de redenção que arrasta, confere aos povos cristão e judaico o dever do esforço e o dinamismo criador, que marca ainda hoje profundamente o Católico Moderno.

A grande falha que atormenta o cristianismo é a de os Livros Santos não darem sempre indicações precisas sobre a conduta a seguir. O protestantismo deixa a cada um o cuidado de interpretar a Mensagem conforme a sua intuição pessoal, mas os Católicos, mesmo os eclesiásticos, têm opiniões divergentes, pelo que respeita às soluções a tomar para resolverem os problemas de cada um, em particular; de facto, para cada pessoa, diferente das outras, pelo menos no plano da consciência perante o sobrenatural, não pode existir regra alguma e, por consequência, nenhum julgamento divino, *à priori*; só existem casos únicos e particulares.

Para os Muçulmanos puros (como para alguns Protestantes) o homem será salvo, não pelas suas obras, mas sim pela sua fé. Deve pois fazer o bem, de uma maneira desinteressada, porque isso é uma regra de Deus e não só com o fim (que pode parecer interesseiro) de com isso ganharem o Céu. É por esta situação que os Maometanos não se preocupam com as suas responsabilidades morais e têm uma indiferença perante os casos de consciência, o que lhes dá uma serenidade que raramente é atingida pelos ortodoxos Cristãos.

### A mentalidade e o carácter social

*Gaston Bouthol* definia a mentalidade da seguinte forma: — «Sob o ponto de vista da pessoa que pensa, isto é, da personalidade, a *mentalidade* é um conjunto de ideias e de disposições intelectuais integradas no mesmo indivíduo e ligadas entre si por relações lógicas, por um lado e por razões das crenças religiosas, por outro».

A principal característica da mentalidade é que ela é comum aos membros de uma mesma civilização; a definição é: «uma sociedade é constituída por um grupo de pessoas de nacionalidades análogas»; e *Gaston Bouthol* continua esclarecendo que «Pertencer a uma sociedade significa, essencialmente, ter a sua mentalidade» e «pode pertencer-se à mesma raça, serem contemporâneos, falarem a mesma língua e serem geograficamente vizinhos, mesmo que façam parte de civilizações diferentes», o que torna a «sociedade» mais difícil.

A segunda característica da mentalidade é a sua grande *estabilidade*, que é o elemento mais resistente do nosso «Eu». *Bouthol* afirma que «Ninguém pode mudar a mentalidade, por sua vontade. Podem obrigarnos a executar actos contrários às nossas convicções, impor-nos uma conduta ou constrear-nos a manifestar uma crença, fingidamente, mas nunca se nos pode impor uma *verdadeira* crença, porque a convicção

é um facto involuntário; pode-se *vencer* pela força ou pela ameaça, mas por estes meios nunca se consegue convencer. «A mentalidade é caracterizada directamente por um *complexo psicossomático*».

Antes dos estudos de *Bouthoul*, já *Durkheim*, o pai da sociologia francesa, dizia que «a alma é, acima de tudo, a mentalidade», aquela entidade que *Lalande* definiu como «um conjunto de disposições intelectuais, de hábitos do espírito e das crenças fundamentais de um indivíduo»; são, portanto, também, a moral, a cosmologia, a técnica e, ainda os instintos, as categorias do raciocínio, todos estes produtos dos factores sociais, que constituem os *componentes da mentalidade*.

A diferenciação entre o temperamento hereditário, o carácter individual, a personalidade de base e a mentalidade, necessita de ser feita através de um estudo extremamente complexo.

Segundo as concepções clássicas da psicologia «A personalidade designa o *Eu* na sua totalidade, com o seu temperamento e as suas qualidades herdadas, com as suas componentes biológicas e psicológicas e com as suas qualidades efémeras, mais ou menos permanentes».

O carácter individual, como geralmente se define, só deriva de uma parte da personalidade, mas não se deve confundir com o carácter hereditário (que é o equivalente do *temperamento*), porque na expressão «formar o carácter» se inclui sempre o efeito das experiências e da educação. A *personalidade* é resultante do carácter, que resulta da estrutura, mais ou menos condicionada pelos factores sociais e históricos, dos impulsos e das satisfações do indivíduo, em uma palavra, pela formação do «Eu».

Transposto para a escala do «Ideal do *Nós*», o resultado das experiências comuns a muitos grupos importantes condiciona o carácter *social*, isto é, uma «personalidade colectiva», que caracteriza diversos grupos: — classes sociais, regiões diferenciadas, religiões diferentes e, finalmente, as nações.

Segundo *A. Kardiner*, a «personalidade de base» do indivíduo determina-se a partir da cultura e de várias influências, desde a etnologia até à psicologia, passando pela geografia, o direito e a economia.

A ciência da *interpsicologia* baseia-se precisamente no estudo da influência recíproca de cada indivíduo em face da sociedade e, a seguir, da resultante realizada por esta sobre estes mesmos indivíduos, da reacção destes ao «carácter social» assim formado e, mais tarde, da reacção desta comunidade a estas reacções e assim sucessivamente.

Este artigo já vai longo. No próximo artigo, para continuação destes estudos sobre a formação da *personalidade*, primeiramente da pessoa e, a seguir, das sociedades, vamos ocupar-nos da «mentalidade fanática» e da «Neutralização dos caracteres».

## A PERSONALIDADE ACTUAL DOS JOVENS E A SUA LIGAÇÃO COM A FAMÍLIA

Temos publicado vários artigos sobre o importante problema actual da educação da juventude e as suas relações com a família.

Julgamos pois muito teis as considerações feitas pelo Professor do Liceu de Almada, Sr. Dr. Ricardo José de Almeida Jor., em uma palestra no Rotary Club de Lisboa, em Setembro de 1966, da qual reproduzimos os seguintes períodos:

«No desejo de formular a intenção de futuridade e no desejo de procurar encaminhar a juventude que, se lhe não acudirmos, se irá des-sorando e deixando de compreender o real significado do trabalho de equipa, de respeito mútuo e até do bíblico amor pelo próximo, alguns Rotary Clubs, como o de Almada, têm procurado desenvolver a sua acção junto dos jovens. Não que acreditemos que os jovens de hoje sejam na sua essência muito diferentes dos da geração passada ou até — vamos lá — de todo o tempo até agora, mas o que não podemos negar é que a ambiência em que evolui a sua personalidade adolescente é bastante diferente da dos seus antepassados. cremos bem que na história do mundo nunca a atenção dos jovens, e até mesmo a dos adultos, sofreu tantas solicitações como na actualidade. Solicitações essas que o levam a polarizar-se, a dispersar-se e a ter cada vez mais dificuldades em progressivamente se encontrar e formar o seu carácter. Um dos elementos que ainda não há muito tempo tanto contibuíam, é verdade que, às vezes, e infelizmente, duma maneira perniciosa para a formação da personalidade do homem — a família vai sofrendo uma metamorfose que a nosso ver só acentua e complica o labirinto emocional do adolescente. A família era uma base sólida, era uma equipa unida, era algo de muito positivo com que o adolescente podia contar. Atrevo-me a dizer que hoje, poucas são as que continuam essa tradição; procura-se que o jovem seja desde muito cedo o mais independente possível, que se baste a si próprio, não apenas à custa do seu esforço pessoal, mas sim conseguindo-o com dinheiro que fàcilmente lhe chega às mãos e que lhe vai dando uma ideia muito diferente da vida e dos seus aspectos, nem sempre fáceis.

É verdade que o diálogo pais-filhos é hoje mais aberto, mais livre, mas também cremos ser verdade que também os pais de hoje, em muitos casos e por muitas circunstâncias, não se apresentam aos seus filhos como um exemplo a seguir, como um padrão a imitar e é bem difícil um adolescente compreender, destringar, que deve ouvir e proceder de acordo com as suas palavras e conselhos, sem olhar ao seu exemplo, ao seu modo de vida. Há, pois, que corrigir, que purificar se possível for, a atitude

da família em relação aos seus filhos. Temos esperança que tal possa ir acontecendo para bem da Humanidade, que se está tornando tão insensível e tão pouco respeitadora de si mesma.

---

## O VALOR DAS FRUTAS NA ALIMENTAÇÃO

Este artigo é, praticamente, o complemento do estudo publicado anteriormente sobre «As vantagens das uvas na alimentação e em dietas especiais».

Nesse artigo fazíamos já um estudo, não só sobre as uvas, mas também sobre todas as frutas que mais vulgarmente se consomem na Europa. Posteriormente, veio completar este estudo uma publicação «La Santé de l'Homme» da autoria do Dr. R. Huet, Director do Instituto Francês de Investigações Frutícolas no Ultramar». Como este sector do estudo sobre as frutas do Ultramar interessa muitos os portugueses, porque uma parte da população portuguesa vive no Ultramar, deliberámos transcrever algumas das conclusões daquele estudo:

Nos últimos anos tem aumentado muito, não só o consumo de frutas do Ultramar, importadas frescas ou em conservas, mas também os sumos ali fabricados.

Em geral, os sumos de frutas, são preparados com frutos com ligeiros defeitos que os tornam impróprios para a venda. Isto não significa que se empreguem frutos de má qualidade, porque é o seu aspecto exterior que os faz separar para o fabrico dos sumos; deve sempre verificar-se se as frutas foram tratadas por meio de pesticidas, pois neste caso, tem de se eliminar as peles antes de as espremer.

O sumo de laranja, depois de engarrafado, perde a sua cor no fim de 2 a 3 meses e, mais tarde, o perfume e o seu gosto, que se podem conservar artificialmente; a análise mostra também que perde uma parte importante do ácido ascórbico (vitamina C), o que justifica a preferência pelos sumos frescos preparados em casa.

Nas garrafas de plástico, as perdas são superiores às que se efectuam nas de vidro, mas as caixas de folha de lata conservam integralmente as qualidades do sumo durante um ano; a partir do 2.º ano, começa a tomar um gosto metálico, sobretudo quando foi engarrafado a uma alta temperatura ambiente.

As conservas de ananás, são geralmente preparadas com talhadas de ananás, ou simples ou com xarope de ananás, com o sumo das partes do fruto que não puderam ser aproveitadas, isto é, o cilindro central, e a parte fibrosa e esponjosa do fundo, bem como as partes aderentes à casca. A mistura dos sucos destas diversas proveniências devem ser

misturadas em boas proporções, devendo evitar-se o contacto da fruta com o ar, durante todas as operações da preparação.

A fim de poupar nos transportes faz-se geralmente a concentração dos sumos de frutas do últramar.

Os sumos de ananás são ricos em ácidos orgânicos e em metais, dos quais o potássio é o predominante. Alguns sumos de laranja e de limão chegam a ficar sem acidez.

O ácido ascórbico (vitamina C) encontra-se no limão e em outros frutos em proporções elevadas (no limão, 50 a 100 mgrs. por cada 100 grs.), nas laranjas (40 mgrs. por 100 grs.), nas toranjas (grape-fruits), 30 mgrs. por 100 grs. e nos ananases (10 a 20 mgrs. por 100 grs.).

Sabe-se que a vitamina C é anti-scorbútica, antifadiga, elemento indispensável nas operações de oxi-redução das células. O caroteno, que dá a coração ao sumo de laranja é uma provitamina fixada nos fragmentos da polpa.

A vitamina C é ainda anti-infecciosa; auxilia a resistência do organismo contra as infecções; por isso, no Inverno, quando há frutas e, sobretudo, quando há epidemias de gripes ou quaisquer outras, é muito aconselhável tomar a vitamina C diariamente (1).

---

#### CURIOSIDADES

Aforismos de um médico — (Prof. Ulisses Lemos Torres, de S. Paulo)

- Antigamente media-se o valor de um homem pelo número dos seus amigos; hoje em dia, pelo número dos seus inimigos...
- O retrato de um homem em vida é feito pelos seus defeitos; depois de morto, pelas qualidades que teve ou que deveria ter tido.
- O que é que o homem pode e Deus não pode? — Fazer maldades.
- A desconfiança é a ferrugem que corroi o aço da melhor têmpera da amizade.
- O dinheiro entra a passo e sai a galope.
- A honra de um homem casado, quem a guarda e quem a gasta é a mulher. Quando a mulher tem honra, só ela a guarda e não a gasta.
- Hoje o homem, de certa maneira, não vive mas é conduzido pela vida.
- Vivamos de acordo com a nossa consciência e não com a dos outros; a nossa, acompanha-nos sempre e as dos outros, vivem com eles.

---

(1) Um preparado de vitamina C que se usa frequentemente é o Rutinicê Fortíssimo, que associa 0,50 de vitamina C a 0,025 de Rutina. — A rutina não só potencia a acção da vitamina C, como exerce uma acção contra a fragilidade dos vasos, frequente nos estados congestivos (gripes, pneumonias, etc.) que podem provocar congestões dos brônquios, cérebro, retina, etc.



# Penampla

Penicilina de amplo espectro,  
activa por via oral e parenteral

A PENAMPLA REPRESENTA O REGRESSO DA  
PENICILINA À POSIÇÃO CIMEIRA ENTRE OS  
ANTIBIÓTICOS MAIORES

O seu grau de efica-  
cácia comprovativa  
pode exprimir-se

em **3** PONTOS  
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocus Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,  
que Penampla cons-  
titui o maior dos  
'antibióticos maiores'

O seu valor farma-  
cológico relativo  
pode deduzir-se

dos **3** PONTOS  
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
  - a) A sua concentração na urina é 800 vezes mais elevada do que no sangue.
  - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
  - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

## Quais são as acções protectoras da defesa do fígado, exercidas pelos lipotrópicos?

- 1.º — No trabalho permanente de renovação das células hepáticas, exerce um estímulo para a formação das novas células.
- 2.º — Uma acção contrária à degenerescência das células do fígado.

## Em que consiste a associação de lipotrópicos a outros elementos, constituída pela Colimetina?

- 3.º — Regeneração do fígado, de forma a que, num período demorado, as células doentes ou degeneradas, vão sendo substituídas por células novas.

A Colimetina é um preparado em cuja composição entram:

- a) Lipotrópicos (Citrato de colina, metionina, inositol).
- b) Complexo B.

Por isso está indicada em todas as hepatopatias (cirroses, intoxicações) diabetes e arterioesclerose.

A posologia média é de 6 a 10 cápsulas por dia.